

# Uma análise discursiva de sujeitos com gagueira

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo (UCP)

## Resumo

Os estudos linguísticos e fonoaudiológicos tomam a gagueira como uma manifestação de algo que se dá no plano do corpo, ora significado como tensão muscular, ora como respiração, produção de fala, ou, ainda, como formação genética, um sujeito, portanto, com uma “doença”. Ao percorrer as discussões teóricas sobre a gagueira, lançou-se um novo olhar sobre ela, sob a ótica discursiva, com possibilidades terapêuticas na mesma abordagem. A partir da teoria e dispositivo analítico da Análise do Discurso de linha francesa, fundada por Pêcheux e desenvolvida por Orlandi e seguidores, pretendeu-se analisar o sujeito que é visto no interdiscurso cristalizado pela sociedade como sujeito-gago: aquele que é portador de uma patologia, inserido em formações discursivo-ideológicas que o fazem mais gago. Operaram-se recortes discursivos de dois sujeitos-gagos em processo de atendimento fonoaudiológico, visto de forma longitudinal. Considerando a regularidade do funcionamento do discurso e ancorando as análises na interdiscursividade, ou seja, nos mecanismos de constituição de sentidos, identificaram-se certas formações discursivas materializadas no discurso dos sujeitos em estudo e que representam possibilidades teóricas e terapêuticas ao estudo da gagueira. Afirma-se, assim, a gagueira como um distúrbio de linguagem, diretamente relacionado às condições de produção, com a indicação de possibilidade terapêutica na mesma perspectiva. A análise discursiva realizada mostrou evidente mudança de posição de sujeito-gago para sujeito-fluente.

**Palavras-chave:** Gagueira; Discurso; Formações discursivas.

## 1. Caminhos percorridos nos estudos sobre a gagueira e o discurso

As publicações internacionais sobre a gagueira apresentam-nos uma heterogeneidade de hipóteses sobre sua origem, contraposta a uma homogeneidade em sua caracterização. No entanto, as abordagens convergem em um mesmo ponto: a gagueira é tomada como manifestação de algo que acontece no corpo, entendido como tensão muscular, respiração, produção articulatória, ou, ainda, formação genética.

Hoje, as propostas terapêuticas mais conhecidas seguem os princípios da Psicologia Experimental, Social, da Filosofia fenomenológica e, ainda, da Biologia. Todas as teorias, evidentemente, apresentam contribuições à clínica fonoaudiológica, na medida em que, de seus lugares teóricos, operam alguma forma de circunscrição da gagueira. Muitas dessas abordagens, naturalmente, fiéis à fundamentação teórica em que se apoiam, deixam escapar a linguagem e, com ela, excluem o sujeito, mesmo entendendo que ambos se encontram indissolúvelmente atrelados, pois sujeito e linguagem se constituem mutuamente. Essa reflexão gerou uma inquietação na pesquisadora que passou a compreender a gagueira como um problema discursivo e, neste percurso, lançar um novo olhar sobre a terapêutica da gagueira.

A quem se deve compreender? Ao sujeito-gago ou à linguagem patológica? Não convém separá-los. Há um sujeito que fala, um sujeito constituído na/pela linguagem, inserido numa sociedade pautada por valores ideológicos, que interpelam os indivíduos enquanto sujeitos do seu dizer.

Acredita-se que a Fonoaudiologia necessita fundamentar o seu fazer clínico, partindo de uma teoria linguística que lhe dê suporte. Desta forma, alça-se a Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Pêcheux, nos anos 60 e desenvolvida por Orlandi e seguidores, no Brasil, como teoria de sustentação para analisar a gagueira e o sujeito-gago, assim como procedimento analítico que comporá a base do processo terapêutico para esses sujeitos. Neste sentido, a pesquisadora se afasta dos trabalhos indicados na revisão dos estudos da área, que identificam a gagueira ao corpo e à fala, assumindo uma posição de circunscrever o discurso como origem e lugar de apresentação e manutenção da gagueira, sob a forma peculiar de efeito de interlocução e sentidos.

Neste estudo, será analisado o processo terapêutico de sujeitos-gagos, considerando a concepção discursiva, além de sistematizar os fundamentos teórico-metodológicos desta terapêutica.

Como já enfatizado, adota-se a Análise do Discurso de linha francesa (AD), que permite a apreensão de uma visão ideológica do discurso, conjugando os construtos teóricos de três regiões do conhecimento: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise.

A AD, entretanto, não dá conta de questões específicas da gagueira. Obviamente, ela não teria mesmo que olhar o distúrbio de linguagem, uma vez que não se propõe a isto. Na aquisição de linguagem, há pais que interpretam seus filhos e eles adquirem linguagem, configurando-se *falantes ideais*. E quando eles não adquirem? E quando gaguejam?

A partir destas considerações, retorna-se à questão original, marcada no início da discussão, ou seja, quem é o sujeito gago? Certamente, a despeito dos estudos veiculados sobre a gagueira, que insistem no controle do gago sobre a língua/linguagem, compreendendo-o como um indivíduo centrado, racional e detentor de uma identidade única, estável e coerente, i.e., como sujeito psicológico, estes sujeitos permanecem em suas posições de gagos, ou melhor, gagos sob controle, porém continuam a se declarar *gagos*. São sujeitos que apresentam, de antemão, *a certeza da gagueira* e que, antes mesmo de falarem, já estão certos de que a palavra será repetida, bloqueada, prolongada.

Assim, propõe-se aqui uma nova concepção de sujeito, o sujeito da AD – o sujeito assujeitado à língua, que o conforma – o efeito-sujeito. Neste sentido, o sujeito-gago é constituído assim na infância, em suas relações discursivas, conforme atestam Azevedo (2000; 2006); Azevedo; Freire (2001); Petrusk; Azevedo; Lima da Fonte; Cavalcanti (2011); Cavalcanti; Azevedo; Petrusk (2011).

Considerando os pressupostos teóricos da AD, que vê o sujeito em uma formação ideológica/ discursiva, entende-se que o sujeito-gago ocupa diferentes funções-sujeito a depender de como se posiciona frente ao seu interlocutor. Um professor pode dar aulas fluentemente, porque ocupa uma posição de quem sabe e tem a ensinar e, em outra condição de produção, como a de participar de uma reunião de pais e mestres, gaguejar muito. Nesta posição, o sujeito identifica o outro como alguém que o julga como gago e prevê os momentos de repetição, bloqueio e prolongamento antes mesmo que aconteçam.

## **2. Caminhos metodológicos para enxergar o sujeito-gago**

Para a apreensão das formações discursivas do discurso dos sujeitos-gagos e propor-se uma possibilidade terapêutica, optou-se pela Análise do Discurso de linha francesa (AD), que foi teoria e dispositivo de análise.

Assim, conduziu-se a pesquisa a partir de uma análise qualitativa da produção discursiva de dois sujeitos (Sujeitos 1 e 2), sendo um do sexo feminino e outro do sexo masculino, com queixa e diagnóstico de gagueira, em processo de terapia fonoaudiológica com a fonoaudióloga-pesquisadora.

Para a análise discursiva, foram coletados dados referentes às sessões semanais, que foram áudio-gravadas e, posteriormente, transcritas literalmente. As sessões ocorreram em consultório particular e tiveram duração de trinta minutos cada, compreen-

didadas em um período entre quatorze e dezessete meses. Assim, recortes discursivos foram constituídos, de forma longitudinal, a partir do *corpus* obtido nos registros.

Nas sessões fonoaudiológicas, os sujeitos falavam livremente, a partir de suas próprias reflexões acerca de suas queixas, em situações diferentes do processo terapêutico. A gagueira foi, então, estudada a partir da ótica discursiva, tomando-se por base estudos anteriores (AZEVEDO, 2000; AZEVEDO; FREIRE, 2001; AZEVEDO, 2006).

Quanto às considerações éticas, foram utilizados, neste estudo, uma Carta de Informação sobre a pesquisa e o Termo de Livre Consentimento e Esclarecimento, observando-se a resolução 196/96. O presente projeto foi encaminhado para análise do Comitê Científico e de Ética da Universidade Católica de Pernambuco, tendo sido aprovada a sua execução, de acordo com o parecer CEP nº 008/2006. Ressalte-se, ainda, que a privacidade dos sujeitos que optaram por participar da pesquisa foi inteiramente garantida, visto que os sujeitos receberam nomes fictícios.

### **3. No caminho do discurso: um processo de terapia fonoaudiológica**

Os resultados aqui apresentados dizem respeito aos recortes discursivos extraídos das sessões realizadas com os dois sujeitos, representativos de três momentos do processo terapêutico: a entrevista inicial e dois recortes de sessões posteriores. A partir deste estudo, foi possível acompanhar, de forma longitudinal, o discurso dos sujeitos até o processo de alta fonoaudiológica, ou o momento terapêutico em que se poderia discutir o desvinculamento do sujeito das sessões fonoaudiológicas.

#### **Sujeito 1: a história e o discurso de Fernando na entrevista fonoaudiológica inicial**

T1: *Qual a sua queixa? Por que você me procurou?*

F1: *É que e\_u sou gago desde pequeno. A\_ntes não me incomodava não, mas agora, é dif\_ícil namorar, f\_alar com uma menina, no colégio também...*

T2: *No colégio?*

F2: *É que eu gaguejo muito com os meus colegas, porque eles tiram onda, visse? Aí, eu f\_ico nerv\_oso, ansioso e gaguejo. Com painho, eu também ga\_guejo muito, é porque ele fica brigando comigo, "fale direito, Fernando!", mas já com mainha, eu quase não gaguejo.*

T3: *Com a sua mãe, você gagueja pouco...*

F3: *Com o meu irmão mais velho, eu também gaguejo muito, mas com a minha irmã mais nova do que eu, eu me dou muito bem e quase não gaguejo.*

T4: *São três irmãos?*

F4: *Não. São dois: um mais v\_elho e uma mais nova...*

- T5: Três, com você.
- F5: É, comigo três.
- T6: E por que você acha que gagueja, Fernando?
- F6: Por que eu gaguejo? Sei não... eu sou muito tímido e também f\_alo muito rápido, visse? Sou m\_uito nervoso também... acho que é isso.
- T7: Os seus pais dizem o quê? Quando iniciou a gagueira? Você sabe?
- F7: Meu avô, pai de painho, é gago. Eles dizem que desde pequeno eu gaguejo, mas era menos... agora, está pior do que v\_oinho... está muito forte.
- T8: Forte?
- F8: É. Forte, po\_rque tem horas que eu não consigo falar nada... trava tudo... a voz fica presa.
- T9: Presa onde?
- F9: Fica presa no pescoço... e não sai som, visse?
- T10: Quando acontece isso? Da sua voz ficar travada?
- F10: No telefone, sempre. Eu odeio falar no telefone. Não atendo nunca... o meu c\_elular é quase virgem. S\_abe por que ele é só quase virgem? Po\_rque às vezes, eu ligo pra operadora, que é grátis e fico ens\_aiando minha f\_ala com eles. Ino\_vento que estou com um problema e eles f\_icam falando. Quando eu preciso falar, f\_injo que estou pensando e me\_xendo no aparelho...
- T11: Puxa! Isso é bem interessante!  
Você me falava que o telefone é uma condição de mais gagueira para você. Há outras situações assim? Que parecem levá-lo a gaguejar mais?
- F11: F\_alar no interfone, que é a m\_esma coisa... f\_alar com os professores, dar inf\_ormação... é o elemento surpresa. Apresentar um trabalho no colégio... eu nem vou lá na frente... posso até tirar zero que eu não apresento.
- T12: Existem palavras que você já sabe que vai gaguejar?
- F12: Muitas palavras que eu nem f\_alo, porque já sei que vai travar. Se começar com "p", com "c", "q" ou com "t" eu não falo mesmo. Tem também o "s", o "tr", o "pr" e o "br"...
- T13: Me dê alguns exemplos...
- F13: Sei não... eu s\_ei que essas letras me fazem gaguejar. Ó... gaguejar... tem o "g" também... toda vez que eu falo essa palavra também trava.
- T14: Sei. Na palavra "gaguejar". E aí, o que você faz para não falar a palavra que você já sabe que irá gaguejar?
- F14: Ah, aí, eu troco a pa\_lavra por outra mais fácil. Se eu tiver que atender o telefone, não falo alô... f\_alo "pronto", ou então "oi". Eu também tenho um bizu, que é bater na perna e piscar os olhos com força... acho que ajuda também...
- T15: Ajuda?
- F15: Não? Tu acha que não? Às vezes, parece que ajuda, visse?
- T16: Bom, a gente vai poder discutir, bastante, tudo a respeito da gagueira nas próximas sessões...

Fernando é um adolescente de 15 anos de idade que nos procurou por telefone. Consideramos desnecessário convidar seus pais para uma entrevista, já que a procura pelo atendimento partiu do próprio Fernando. O trabalho fonoaudiológico foi realizado apenas com ele e a família foi falada a partir do que era trazido em seu discurso, mas não esteve representada diretamente.

Em F1, Fernando relata que se identifica como gago desde pequeno e esclarece a dificuldade nos relacionamentos sociais, que parece estar atrelada à gagueira: não pode namorar ou conversar.

O pai e a escola parecem ser condições de produção do discurso que geram mais efeito de gagueira (F2). Ambos são explicados por Fernando: o discurso autoritário do pai e a antecipação no discurso dos colegas da escola (tiram onda). O irmão mais velho parece ocupar a posição de gerador de gagueira, em função da representação do pai, pelo lugar social em que está inserido.

Fernando considera que a gagueira é mantida por três fatores: timidez, velocidade rápida da fala e nervosismo, como afirma em F6.

Em F7, a hereditariedade vem à tona, quando o adolescente identifica o avô paterno como sendo gago. Este é um discurso que está nas formações imaginárias da família, que mantém um interdiscurso cristalizado: a gagueira é hereditária, geneticamente herdada. Fernando reproduz o discurso que focaliza a concepção genética da gagueira. Neste momento, existe o estigma inevitável: é gago como o avô (e será sempre gago). A questão genética na gagueira apresenta, atualmente, vários estudos, porém não são conclusivos. Salientamos, ainda, que, neste segmento, há uma referência a estar pior do que o avô.

Fernando localiza a gagueira no seu corpo e, em seu dizer, há um domínio da mesma sobre o sujeito. A gagueira o aprisiona e ele diz não conseguir falar. Ele é silenciado por esta submissão a uma tensão no pescoço, como assinala em F8 e F9. Ao assumir a gagueira como algo do corpo, este sujeito assume também, como aceitação, a sua submissão.

O telefone é outra condição de produção geradora de gagueira, que o encaminha ao silenciamento, como podemos confirmar em F10. Há o desejo de liberar a fala e Fernando ensaia algumas possibilidades com a operadora. Apesar disto, ele manipula a fala, fingindo que não é gago. O “alô” é substituído por “pronto”, ou por “oi”, para que seja liberado. Entendemos que, no nível fonológico, inclusive, “alô” é uma palavra mais simples do que “pronto”, que apresenta um grupo consonantal, identificado por ele, inclusive, em F12, como uma possibilidade de gagueira. Ao dizer “pronto” ou “oi”, no lugar de “alô”, o sujeito-gago se distancia do sujeito-censurador que se coloca do outro lado da linha. O que, na verdade, é significativo de gagueira não é a palavra “alô”, mas a condição de produção: falar ao telefone. Ao pensar em se “expor” ao telefone reproduzindo o “alô,” que é próprio da formação imaginária do

uso do telefone, o sujeito antecipa a presença do outro (ouvinte/interlocutor) que o vai censurar. É uma situação semelhante a que o leva a gaguejar diante do pai e do irmão mais velho. Observe-mos que, diante da mãe e da irmã, onde há não-censura, o sujeito não se apresenta como gago. O que o faz gaguejar diante do pai e do irmão é a relação de forças entre eles, considerando-se aí as condições de produção do discurso. Onde há não-censura, não há gagueira. Onde há censura ou possibilidade de censura, há gagueira. Sendo mais clara, a antecipação gera no locutor o efeito de que a sua representação é inevitável: se ele prende o outro em uma posição de quem o julga como gago, o que pode não ser verdade, ele gaguejará, porque antes de falar, já tem certeza de que falhará.

Fernando relata, ainda, outras condições de produção que o encaminham a mais gagueira, como utilizar o interfone, apresentar trabalhos, falar com professores (relação de força – o professor é hierarquicamente superior) e dar informações a alguém. Há o que ele chama de “elemento surpresa”, ou algo inesperado que impossibilita a sua fala, como podemos inferir de sua afirmação em F11.

Além disso, afirma não conseguir apresentar trabalhos na escola. Salientamos que a escola já é marcada como geradora de gagueira, pelo fato de os colegas “tirarem onda”, como podemos constatar em F2. Ao mesmo tempo, a escola é a instituição representante da correção, formação, com valor ideológico de censura pela presença do professor-censurador, tal como afirma Foucault (1996, p. 44): “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.

Em F12, F13 e F14, há o discurso da impossibilidade de dizer. Fernando lista várias letras que, *a priori*, está certo do fracasso e permanece aprisionado na previsibilidade. Em F14, ele conta o que faz para manipular a certeza da falha: substitui palavras consideradas difíceis, como alô (que troca por “pronto”, na ilusão de que é mais fácil) ou utiliza estratégias que o levam a fugir do dizer, como bater na perna e piscar os olhos com força, acreditando que estas o ajudam a liberar a fala. Fernando não está tão certo desta facilitação, uma vez que a nossa interferência, em T15, o desloca para a negativa do seu ato, no segmento posterior. Assim, ao questionarmos a sua afirmação de que estratégias são facilitadoras do discurso, demonstramos estranhamento, através da devolutiva do seu dito – *ajuda?* Imediatamente, ele se desestabiliza, nega a afirmação, já não parecendo tão seguro da utilização, em F15: *não? Tu acha que não? Às vezes, parece que ajuda (...)*.

### **Sujeito 1 - Fernando - Recorte discursivo 1**

F16: *Telefonar ainda não dá. Eu penso assim: “alô... eu quero falar com tal pessoa e tal, tal, tal...”, mas na hora, eu não ligo.*

- T17: *Mas por que você precisa planejar o que quer dizer?*  
 F17: *Sei não... a\_cho que pra me dar s\_egurança mesmo.*  
 T18: *E planejar te dá segurança?*  
 F18: *Planejar? Não, visse, porque eu nem consigo ligar...*  
 T19: *Então, por que você não tenta telefonar para alguém, sem planejar o que vai ser dito? A fala é espontânea. Ela precisa ser espontânea.*  
 F19: *É, eu vou tentar. Sabe outra coisa? Tem uma m\_enina da minha sala que eu estou a fim e estou pensando em chegar junto, né, pra v\_er se rola...*  
 T20: *É por que não faz isso?*  
 F20: *Tu acha? E o medo?*  
 T21: *Medo? Medo de quê?*  
 F21: *Medo de gaguejar. M\_edo de querer falar e não sair nada e a menina ficar tirando onda da minha cara...*  
 T22: *Essa antecipação da situação é que complica, né? Ter medo, ensaiar o que vai falar, não ajuda nada... tente permitir a sua fluidez... deixe sair a sua fala... sem previsão de que vai errar, de que não vai conseguir... a grande questão é: LIBERE a sua fala! E aí, você se libera também...*

O recorte discursivo 1 é marcado pelo dizer da impossibilidade: telefonar e aproximar-se de uma menina são atos submetidos ao medo de gaguejar (F21).

Fernando aprisiona-se na previsão do erro e no planejamento da sua fala, no intuito de ter segurança no dizer, ao mesmo tempo em que, ao ser confrontado com o próprio discurso, em T18 e F18, nega a necessidade da programação prévia. Fernando está aprisionado ao discurso que “padroniza” a gagueira como uma doença e que por ser censurado, criticado, discriminado, faz o sujeito-gago pensar que pode prever o seu erro, o que o faz mais gago ainda. Portanto, podemos ver que são as condições de produção do discurso que inserem o sujeito na posição de *sujeito-gago*. A gagueira é, portanto, um distúrbio de linguagem, em que o discurso da *doença* pode ser trabalhado pelas vias discursivas.

O fato de desejar conversar com a menina e evitar a aproximação, considerando que gaguejará e ela “tirará onda” dele, configura-se como a antecipação, presente nas condições de produção do discurso, que se intensifica no discurso do sujeito gago. Antes que aconteça, o sujeito já antecipa que os outros rirão da sua gagueira, conforme discutido anteriormente.

### **Sujeito 1 - Fernando - Recorte discursivo 2**

- T23: *O que você tem para me contar sobre esta semana?*  
 F22: *Eu estou muito bem, visse? Meu pai veio conversar comigo e disse que todo mundo está me achando muito bem... f\_alando bem e tal.*  
 T24: *É mesmo? E você, o que acha?*  
 F23: *Eu também acho isso. Eu/eu não estou mais me preocupando com a minha fala e/e nem planejo mais nada. Falo e pronto. Outro dia,*

*eu tinha que ligar para um amigo meu. Comecei a ensaiar... "alô, quem está falando?..." Desisti e pensei "não vou ensaiar nada!" Peguei o telefone, liguei e falei super bem.*

T25: *Que ótimo, Fernando! É isso mesmo... o caminho é esse!*

F24: *É. E também, contei o meu assalto lá em casa e pros meus amigos e quase não gagueiei.*

T26: *Eu me lembro que você dizia ser difícil contar um caso... que era mais difícil, né?*

F25: *Agora, nada está mais difícil, porque eu estou parando de ficar prevendo, com medo das palavras, com medo de gaguejar...*

Após quatorze meses de terapias fonoaudiológicas semanais, não consecutivas, com um intervalo de dois meses de férias, Fernando está vivenciando um processo de mudança da posição de sujeito-gago para a de sujeito-fluente.

Em seu discurso, o planejamento da fala está se esvaindo e dando lugar a uma linguagem bem mais espontânea e confiante.

O pai, grande gerador de gagueira no discurso de Fernando, anteriormente, é agora colocado na posição de quem lhe traz boas notícias sobre a sua fala, conforme podemos constatar em F22, ao anunciar que é o pai quem lhe diz que todos estão percebendo a sua evolução na linguagem.

Os ensaios, tão frequentes outrora, vêm sendo abandonados com determinação, como relatado em F23. Além disso, contar histórias, condição de produção geradora de gagueira anteriormente, não impede mais a sua linguagem, que vem fluindo, sem previsões.

## **Sujeito 2: a história e o discurso de Amélia na entrevista fonoaudiológica inicial**

T1: *Como eu posso ajudá-la?*

A1: *O meu problema é/é/é/é a minha gagueira. Eu gaguejo muito e is\_so me atrapalha muito.*

T2: *Atrapalha?*

A2: *Atrapalha. Atrapalha muito. É/é/é atrapalha no meu trabalho, nas minhas relações/relações com os amigos também... atrapalha em tudo... eu fiz faculdade de é/é/é Administração de Empresas e trabalho em uma firma, mas eu acho que sempre passo insegurança nas reuniões por causa da gagueira. E já/já tem algumas palavras que eu já/já sei que vou gaguejar... meu nome também eu nunca consigo dizer. Administração, eu nunca consigo dizer também...*

T3: *Agora, você não gaguejou nesta palavra.*

A3: *Foi, mas/mas eu sempre gaguejo e já procuro evitar, tudinho...*

T4: *Como?*

A4: *Como? U\_sando tiques, substituindo por outra, mas às vezes, não dá para evitar, né? Administração mesmo, não dá...*

T5: *Desde quando você gagueja?*

- A5: *Ah! Desde que eu me entendo por gente... desde/desde criança. Mainha diz que eu já comecei a falar gaguejando: ma-ma-ma-ma; pa-pa-pa-pa. Ela/ela mandava eu falar devagar, respirar e me\_lho-rava quando eu era criança. Eu já procurei fono duas vezes, uma com quatorze anos, fiz os exercícios e acabei deixando e outra, com vinte e três anos. A última fono, eu/eu/eu fiquei três anos e tive alta e/e/e aprendi a controlar a gagueira. A fono me disse que eu estava ótima e tudo. Mas/mas eu não acredito nesse controle não, porque eu acho que a gente não consegue controlar a fala quando está nervosa. E eu/eu/eu também tenho muitos tiques, tudinho. Minha perna não pára de se mexer, aperto muito os olhos e/e/e/ fecho as mãos com força.*
- T6: *E por que você precisa fazer isso?*
- A6: *Por quê? É/é/é/é que dá uma sensação de ajuda na fala, tudinho. A minha fono é/é/é dizia que ajudava a falar, mas ela também não gostava que eu usasse não... ficava batendo palmas para eu deixar de usar tudo.*
- T7: *É um condicionamento...*
- A7: *É, mas não adianta nada. Quando vem o nervosismo, aí, pronto...*
- T8: *E você já fez algum outro tipo de terapia?*
- A8: *Terapia? Fiz é/é/é Psicologia desde criança. Depois, parei e fiz mais duas vezes, mais duas vezes, mas cansei, porque a gente fica falando sozinha lá. Eu não gosto não. Acho uma perda de tempo, perda de tempo...*
- T9: *E o que você quer, agora?*
- A9: *O quê? Eu é/é/é quero melhorar dessa é/é/é gagueira. Eu não estou esperando ficar curada, porque eu não acredito que tenha cura, mas eu é/é/é preciso melhorar, é, falar melhor...*
- T10: *Você diz que não acredita em cura. O que é a gagueira, para você? É uma doença?*
- A10: *Doença? Acho. Acho que é uma é/é/é doença incurável, mas que pode é/é/é melhorar com exercícios.*
- T11: *É? Que tipo de exercícios?*
- A11: *Que tipo? É... exercícios de é/é/é respiração, que ajudem a dar mais profundidade respiratória, exercícios de língua, tem o de lábios...*
- T12: *Então, você acha que tem dificuldade respiratória? E alguma alteração na estrutura da língua, dos lábios?*
- A12: *Se eu acho? Não. Quer dizer, é/é/é a respiração, pode ser, porque eu sinto que falta ar, falta ar, quando eu falo, mas os é/é/é exercícios de estalar a língua, vibrar, colocar para um lado e para o outro, esses eu nunca é/é/é achei que adiantavam não... mas fazia, visse? Fazia bem certinho na fono e em casa...*
- T13: *Bom, eu sigo uma proposta bastante diferente desta a que você vem sendo submetida (...)*
- A13: *É. Quando eu leio, eu também não gaguejo... eu adorava ler na faculdade, no meio de todo mundo, porque eu leio muito bem.*
- T14: *É mesmo? E você sabe que muitas pessoas, quando lêem, gaguejam? Muitas vezes, até mais do que quando falam?*

- A14: *É? Pois para mim, acontece é/é/é o oposto. Eu leio muito bem. Eu adoro ler, desde pequena.*
- T15: *Provavelmente, você estudou em uma escola que valorizava a sua leitura...*
- A15: *Foi. Eu estudei em uma escola muito é/é/é aberta, daquelas que ensinam o aluno a ser crítico. A gente lia os livros que a gente queria e depois fazia teatrinho sobre os livros. Era muito boa a escola. Só era difícil falar com os amigos, com os professores... ler, não. Ler sempre foi fácil.*
- T16: *E por que era difícil falar com os amigos e professores?*
- A16: *Ah! O de sempre, tá? A gozação é/é/é inevitável depois da gagueira.*
- T17: *Que talvez você já antecipasse que aconteceria... mesmo que não acontecesse...*
- A17: *Não sei...talvez... mas a discriminação é grande mesmo...*

Amélia é uma mulher de 28 anos, com história de gagueira desde a infância. É formada em Administração de Empresas e no momento em que procurou a pesquisadora, cursava uma pós-graduação na área. Trabalha em um escritório e realiza funções relacionadas à sua formação, porém esquiva-se de reuniões, onde necessite falar (e mostrar-se sujeito do seu dizer).

Amélia já fez outros tipos de terapia fonoaudiológica e psicológica, como indica nos segmentos A5 e A8, em que afirma não terem gerado o efeito esperado. A proposta terapêutica associada à Psicologia Experimental, cujo maior representante é Van Riper (1973; 1982), nos ofereceu uma melhor compreensão do distúrbio “gagueira”, na medida em que o autor descreveu as possibilidades etiológicas e semiológicas. Por outro lado, as condutas terapêuticas que derivam desta abordagem têm, no condicionamento operante, seu principal pilar e, no caso da gagueira, esta permanece no estatuto do treinamento, enquanto o sujeito – neste caso, Amélia – considera-se insatisfeita com a sua fala, como relata em A1: *O meu problema é a minha gagueira* e em A5: “eu não acredito nesse controle (...) a gente não consegue controlar a fala quando está nervosa.” Da mesma forma, em A9: “eu tive alta” (...) “a fono disse que eu estava ótima” (...) “eu quero melhorar dessa gagueira”. Se ela precisa melhorar, há uma *doença* na fala, o que conduz a uma Formação Discursiva (FD), com a qual Amélia está identificada: *a gagueira é algo marcado no corpo (nervosismo e tensão corporal)*.

Amélia gagueja desde muito pequena e a mãe interferia diretamente na sua fala gaguejada, solicitando que ela falasse devagar e respirasse. Este tipo de atuação constitui um discurso autoritário, de acordo com os fundamentos de Orlandi (2007; 2011), uma vez que não há reversibilidade possível, já que a criança não tem meios de contradizer a mãe ou de localizar o que está errado em sua fala. Desta forma, não tendo possibilidades de se deslocar para a posição sugerida, a criança pode passar a fazer tentativas

de modificação na fala, utilizando estratégias, na tentativa de falar melhor ou adiar o aparecimento da gagueira.

Em A2 e A3, Amélia afirma existirem *palavras proibidas*, uma vez que, nelas, já há a certeza prévia do erro. Identifica duas rapidamente: seu nome e a palavra *administração*, seu curso concluído e, hoje, sua profissão. Geralmente, o sujeito gago diz ter dificuldades com as palavras mais usuais no dia-a-dia.

No segmento A5, Amélia afirma apresentar *tiques* corporais, que considera oferecerem uma ajuda na liberação da fala (A6). Na verdade, ela utiliza recursos corporais para esconder a gagueira, porém eles a fazem mostrar-se mais gaga, na medida em que são visíveis ao interlocutor e interpretados como características de insegurança e tensão corporal, como atesta Friedman (2004).

Amélia acredita que a gagueira seja uma *doença incurável*, que pode *melhorar com exercícios* (A10), porém afirma *não confiar* nos mesmos, o que estabelece uma relação contraditória em suas afirmações.

Em T13, a pesquisadora procurou esclarecer a sua proposta de trabalho, diferente das trabalhadas por ela, marcando a ótica discursiva como possibilidade terapêutica. Assim, afirmou-se que esta nova forma de ver a gagueira não trabalha com o controle de fala, na medida em que prever e tentar corrigir a fala antes que ela aconteça, já é algo que o sujeito-gago realiza anteriormente à terapia (e sem a necessidade desta). A proposta discursiva pretende levar o sujeito à mudança efetiva na posição de sujeito-gago à de sujeito-fluente, considerando-se, naturalmente, a fluência como limitada e não-ideal, sujeita a falhas, conforme salienta Scarpa (1995; 2012).

A discussão sobre condições de fluência gerou o efeito de intervenção de Amélia, em A13, que trouxe um novo e importante dado: na leitura, ela não gagueja. Amélia se percebe como leitora eficaz, que lê muito bem. Provavelmente, o tipo de escola que frequentou valorizava a criticidade dos alunos, o que auxiliou na formação de uma autoimagem de boa leitora, conforme atesta Menezes (2003). Estes argumentos podem ser inferidos a partir de Friedman (1994; 1996; 2004), que considera existir uma ideologia do bem falar, na sociedade. Assim, é esperado que todas as pessoas falem bem e corretamente. Quando o sujeito gagueja, carrega consigo uma autoimagem de mal falante, formada ainda na infância, considerado um estigma socialmente marcado.

Ainda em relação à questão social, Amélia identifica, em A16 e A17, a discriminação e a gozação inevitável como impedimentos à sua fala com amigos e professores. Este também é um discurso que se repete na clínica com sujeitos-gagos. A antecipação, presente nas condições de produção do discurso, pode ser introduzida, neste momento, como um forte argumento ao silenciamento do sujeito, que elabora representações imaginárias do discurso do seu interlocutor.

## Sujeito 2 - Amélia - Recorte discursivo 1

- A18: *Eu é/é/é fui falar no telefone é/é/é com uma amiga e gaguejei muito.*
- T18: *Por quê? Falar ao telefone é uma condição de produção que gera gagueira?*
- A19: *E. Se/se/se alguém ligar pra mim, eu atendo e/e/e falo bem, mas eu acho que ligar é pior, porque se não ensaiar, tem que ficar gaguejando e/e/e a pessoa fica chateada de ficar ouvindo a gente gaguejar...*
- T19: *Bom, eu vejo duas coisas do seu discurso. A primeira é: por que ensaiar a fala? Precisa ensaiar? A segunda é... como é que você sabe que a pessoa fica chateada por ouvi-la gaguejar?*
- A20: *Porque/porque gaguejar é hilário para quem ouve...*
- T20: *Bom, isso é o que você acha e a projeção que você faz do seu interlocutor. Não é fato, não acha? E por que é necessário o ensaio?*
- A21: *Dá mais segurança, eu acho. É/é/é o medo de falar errado.*
- T21: *Mas falar precisa ser espontâneo, não acha? Não se pode ensaiar uma fala, a não ser em situações de apresentação, que, mesmo assim, muitas vezes, não ficam naturais... tente simplesmente, falar... sem planejar. O medo de falar errado está levando você a prever. O que é o erro na fala? A gente erra sempre... é natural. A previsão do erro leva à gagueira. Você não acha?*
- A22: *E também, é/é/é essa semana, eu conversei com a minha professora do MBA e, antes, é/é/é eu passei um tempão ensaiando o que eu iria perguntar a ela. Resultado: eu analiso é/é/é essa conversa como "muito gaguejada". Fiquei foi triste!*
- T22: *E como você analisa a etapa anterior à conversa? Aquela em que você ensaiou o que iria dizer?*
- A23: *Não. Talvez tenha sido por isso é/é/é que a conversa não foi boa. Mas já é/é/é/é um hábito, tá? Eu é/é/é estava observando uma colega minha do curso e vendo que é/é/é ela também gagueja, mas só que é/é/é ela não está nem aí para a gagueira dela e fala muito, com todo mundo, faz pergunta na sala, tudinho.*
- T23: *Pois é. É aquela estória que a gente já conversou da gagueira natural. Todo mundo gagueja, né? E o que faz a gente gaguejar? Muitas vezes, a própria língua, no sentido de código linguístico, faz a gente tropeçar na fala. Uma palavra extensa, pouco usual, em um contexto diferente, por exemplo, leva a hesitações, a repetições, a inabilidade com aquela palavra. A diferença é que na gagueira natural, não há previsão e o sujeito só percebe a gagueira depois que ela acontece, entendeu? Na verdade, falar é um ato complexo, porque veja bem... junto com a combinação de sons em palavras, você também faz a seleção de palavras, ou seja, você tem possibilidades de sinônimos para uma palavra e, inconscientemente, você seleciona um, que vai funcionar naquele contexto. O que acontece? Muitas vezes, há um erro nesta seleção, ou você quer uma palavra diferente e, aparentemente, ela não chega, e por aí, vai...*

Nos segmentos A18 e A19, telefonar a alguém é uma condição de produção geradora de silenciamento, a não ser que haja um ensaio. Já receber um telefonema representa uma condição possível, uma vez que dispensa o planejamento. Novamente, a antecipação do interlocutor aparece como impedimento para a fluência, uma vez que Amélia afirma que o ouvinte se aborrece ao ouvi-la gaguejar e, ainda, em A20, atesta que “gaguejar é hilário para quem ouve”. Isto é o que ela antecipa do outro, mas que nem sempre está no outro-interlocutor.

Amélia considera que necessita estar submetida ao planejamento da fala, porque este lhe dá mais segurança (A21; A22). Ao mesmo tempo, ao refletir sobre a conversa com a professora, quando fez uso da fala ensaiada, analisa como um momento de muita gagueira, o que lhe trouxe uma conseqüente tristeza. Neste momento, ela interpreta que não há uma relação direta entre planejamento e fala fluente, mas, ao contrário, o ensaio conduz ao aprisionamento à forma da fala e gera mais gagueira.

Em A23, Amélia relata a observação de uma colega do curso, que enfrenta as mais diferentes situações, sem se preocupar com a gagueira que é mostrada. No segmento T23, enfatiza-se a gagueira natural, descrita por Friedman (1994; 1996; 2004), como sendo algo bastante frequente, efeito das falhas e imperfeições da própria língua(gem).

### **Sujeito 2 - Amélia - Recorte discursivo 2**

A24: *Uma coisa boa... eu fui pegar um DVD numa locadora e o cara disse que eu estava devendo cinco reais. Eu disse que não estava devendo e defendi o meu ponto de vista, sem gaguejar. Eu fiquei nervosa, mas não fiz previsão do erro e falei muito bem.*

T24: *Não teve tempo de fazer previsão...*

A25: *Não. Até poderia ter feito previsão, mas eu não fiz e falei muito bem.*

T25: *Isso é ótimo, porque mostra para você mesma que você fala bem, sem problema e que não é preciso ficar submetida à forma da fala... ao contrário, se você se prende à forma, gagueja, porque a fala deixa de ser algo natural...*

A26: *Isso foi muito bom mesmo. Agora, tem outra coisa... eu estava com umas amigas ontem e eu vi que eu gaguejei. Eu não estava fazendo previsão, mas gaguejei um pouco.*

T26: *Mas a gente gagueja mesmo. O que eu acho que você precisa diferenciar é o que é a gagueira da previsão, ou seja, aquela que vem da certeza do erro, vista previamente... aquela que antes de você falar, já tem certeza de que vai gaguejar, daquela gagueira que é natural, que você só percebe depois de ela acontecer. Essa última ocorre porque a fluência é relativa, a língua nos prega peças, faz a gente tropeçar... todo mundo gagueja, né?*

A27: *Foi essa mesmo: a natural. Eu não previ e, simplesmente, gaguejei. Acho até que ninguém notou... só eu.*

Após dezessete meses de terapia semanal, com dois períodos de férias mensais, Amélia apresenta uma linguagem mais solta e espontânea. Ainda não discute a alta terapêutica e afirma necessitar dos encontros semanais, porque lhe transmitem segurança e bem-estar. Já percebe os seus avanços na linguagem e enfrenta situações, antes consideradas proibidas, como *defender o seu ponto de vista*, em A24.

Sobre a previsão do erro na linguagem, Amélia registra dois momentos em que essa poderia ter ocorrido, mas não aconteceu, como os relatados em A24 e A26. Em A27, ela já antecipa do outro a observação da sua fluência, o que registra um grande avanço em sua história discursiva.

Significa dizer que Amélia se desidentificou com a FD anterior, da doença, e se inseriu em outra FD, em que não é *doente* e não há um censurador como interlocutor. É um *sujeito fluente*, que tropeça na fala, sem que isto seja um problema. Pode-se observar a mudança de posição de Amélia, de sujeito-gago para sujeito-fluente, objetivo da proposta terapêutica na perspectiva discursiva.

#### **4. Fonoaudiologia e discurso: ressignificando o processo terapêutico e a gagueira**

A discriminação da gagueira está sedimentada no interdiscurso da sociedade e da cultura e o sujeito-gago é significado como o *engraçado*, o *descoordenado*, o *inseguro*, como se pode acompanhar em novelas e filmes veiculados na mídia. Considerando este cenário e entendendo que possibilidades terapêuticas assentadas sob o aporte discursivo podem gerar efeitos de mudança na posição de sujeito-gago para a de sujeito-fluente, discutir-se-ão, a seguir, questões relativas à terapia fonoaudiológica, partindo de pressupostos teóricos da teoria discursiva, pautada na Análise do Discurso de linha francesa, tomando como base a prática clínica e os casos aqui estudados.

A terapia fonoaudiológica deve ressignificar a concepção de fluência, procurando compreender a disfluência/hesitação como constituinte do sujeito/linguagem, conforme já discutido e respaldado em Scarpa (1995; 2012) e Merlo; Barbosa (2012). É necessário esclarecer o conceito de disfluência, uma vez que as expectativas da finalização do processo terapêutico têm relação com a noção de fluência/disfluência. Desta forma, a questão da *cura da gagueira*, frequentemente trazida para discussão pelo paciente e família, precisa ser compreendida como um signifiante que pede leitura. Assim, gagueira não é uma doença e, portanto, passível de cura. Neste trabalho, a gagueira é compreendida como um distúrbio da linguagem, diretamente relacionado às condições de produção do discurso, caracterizado pela previsão e certeza *a priori* do erro. A partir desta premissa, há, nesta perspectiva discursiva, condições terapêuticas de trabalho fonoaudiológico com o sujeito-gago,

que o encaminham a um discurso bem mais fluido, com pouca ou nenhuma previsão de erro, mas sempre haverá momentos de gagueira ou disfluência natural em sua linguagem, uma vez que essa é inerente ao sujeito/linguagem.

Outra questão importante é a particularização que deve caracterizar a terapêutica. "Singularizar um paciente é consequência de uma atitude de ignorância tomada frente a ele", afirma Millan (1993, p.67). Neste sentido, há um ineditismo fundamental e necessário em cada processo terapêutico, em cada relação construída, em cada sujeito-gago, em cada fonoaudiólogo. Há um processo de descoberta completamente único. Nesse sentido, o processo terapêutico deve privilegiar a escuta terapêutica, como singular e necessária. Salienta-se que a escuta é determinada, conforme a Psicanálise, como interpretativa e vai muito além do simples ouvir. Cada sujeito-gago é único e traz questões singulares à clínica da linguagem, que devem ser escutadas e ressignificadas.

O trabalho fonoaudiológico, na perspectiva discursiva, pretende levar o sujeito-gago a identificar e analisar a previsão do erro na sua fala, refletindo sobre questões acerca da gagueira, como a origem e o lugar. Além disso, o sujeito deverá reconhecer situações discursivas de silenciamento e identificar e analisar condições de produção geradoras de fluência e de gagueira, estratégias de evitação e adiamento da gagueira e mecanismos geradores e mantenedores da fala gaguejada.

Com sujeitos adolescentes e adultos, a entrevista inicial fonoaudiológica pode ser realizada com aquele que procura a terapia; no caso do adulto, com o próprio e, em se tratando de adolescente, com ele mesmo, se vier por conta própria, ou com os seus pais, se a demanda inicial é destes. Ainda assim, o adolescente é sujeito do seu discurso e também deve ser escutado de forma singular.

Na perspectiva discursiva, pode-se apontar como possibilidades terapêuticas a determinação do espaço discursivo como o lugar da gagueira, levando o sujeito a identificar as condições de produção do discurso gaguejado e do discurso fluente, pela análise das relações de força, de sentido e da antecipação do seu discurso. Este conteúdo pode ser trabalhado através da discussão de situações discursivas, pelas quais o sujeito em atendimento tenha passado, seja há um longo tempo, ou mesmo na semana atual. O trabalho com esta discussão é o foco da terapia e principal atividade desde o início. Assim, o sujeito pode, por exemplo, sendo médico, discutir o porquê de gaguejar com os colegas, em estudos de casos clínicos e não apresentar gagueira na relação com os seus pacientes. Neste caso, a relação de forças, ou a situação dos protagonistas, se encarregariam de explicar, porque está claro que a posição-sujeito assumida nas duas situações é bastante diferente. A questão da antecipação do outro (ouvinte) também precisa ser

compreendida e interpretada, porque este pode ser representado como censurador, ou não, gerando efeito de gagueira ou de fluência. Da mesma forma, o sujeito-gago poderá reconhecer condições de silenciamento e estratégias utilizadas para evitar ou adiar a linguagem, além da identificação de mecanismos geradores e mantenedores do discurso gago.

A previsão do discurso gago, ou seja, a certeza *a priori* de que falhará, também é bastante enfocada nesta proposta, ressaltando-se que esta reafirma a gagueira, por se constituir como um obstáculo à espontaneidade do funcionamento discursivo. Assim, o sujeito em atendimento necessitará perceber a previsão do erro e trabalhar no sentido de evitá-la, assegurando um discurso mais fluente.

É necessário esclarecer que o foco terapêutico está na escuta interpretativa, ou seja, é a partir da devolução do dito do sujeito que ele pode deslocar-se do interdiscurso cristalizado relacionado à gagueira. Para facilitar, então, a recuperação de situações discursivas, inclusive vivenciadas em terapias anteriores, propõe-se que todas as sessões sejam áudio-gravadas, transcritas e analisadas. Busca-se estabelecer um novo sentido para as marcas corporais e para o sintoma na linguagem, por meio do trabalho discursivo.

Com relação às atividades que podem ser trabalhadas na terapia, estas são situações discursivas trazidas pelo sujeito para a sessão. Desta forma, o sujeito-gago pode falar, livremente, sobre condições de produção geradoras de mais fluência ou mais gagueira, naquela semana, por exemplo, e ele mesmo passa a analisar o que está mantendo-o na posição de sujeito-gago. Paralelamente, pode haver discussões sobre recortes discursivos de sujeitos-gagos, ou dos seus próprios discursos, já transcritos. O sujeito passa a produzir efeitos de sentido sobre o seu próprio material simbólico (os textos produzidos a partir dos recortes discursivos das sessões terapêuticas entre o sujeito e o fonoaudiólogo).

A alta terapêutica nunca é oferecida, unilateralmente, pelo terapeuta, mas compreendida como uma demanda do sujeito e bastante trabalhada no processo. Esta desvinculação do processo terapêutico acontece quando o sujeito se desidentifica com formações discursivas oriundas de um interdiscurso cristalizado, como já discutido anteriormente e se insere em nova Formação Discursiva (FD). O sujeito inicia o processo terapêutico identificado a formações discursivas relacionadas à posição de sujeito-gago, se contra-identifica durante as sessões, até que desidentifica dessa FD, conforme fundamentam Pêcheux ([1975] 1988) e Indursky (2008), inserindo-se em nova FD: *posição de sujeito-fluente*, que não vê mais a gagueira como doença, não prevê o erro, não se preocupa com o ouvinte-censurador e não utiliza estratégias para não gaguejar ou mesmo para tentar falar melhor.

## Considerações Finais

Pensar o sujeito-gago, como fonoaudióloga, é pensar numa proposta terapêutica que o tire deste lugar e o insira em outra situação de integração social: a de sujeito-falante-fluente, considerando a fluência como relativa, uma vez que não há fluência linear. O sujeito-fluente sabe que a fluência é sempre relativa, pois fazem parte dela hesitações e repetições, por exemplo.

Acredita-se poder inserir o sujeito neste lugar, longe de sua gagueira, ocupando uma nova posição: a de sujeito-fluente.

O estudo da gagueira, tal como é significada no discurso de sujeitos-gagos dessa análise, conduziu a pesquisadora a uma série de reflexões, uma vez que o foco deste trabalho foi analisar o processo terapêutico de sujeitos-gagos, a partir da consideração da concepção discursiva e sistematizar os fundamentos teórico-metodológicos desta terapêutica.

A partir desse estudo, afirmou-se um novo conceito para a gagueira, ancorado na perspectiva deste trabalho. Sob a ótica discursiva, a gagueira pode ser compreendida como um distúrbio dessa ordem, que apresenta uma relação direta com as condições de produção do discurso (relação de forças, de sentido e antecipação), caracterizada pela ocorrência de repetições de sons, sílabas, palavras ou frases, hesitações, prolongamentos de fonemas e/ou bloqueios tensos de sons. Há uma relação direta entre o sujeito que fala, a presença de um outro (interlocutor) e a ocorrência de situações de gagueira. Se não há ouvinte, ou se este não é identificado como alguém que julga, não há momentos de gagueira. Se, ao contrário, este outro (interlocutor) é antecipado como alguém que insere o sujeito falante na posição de gago, então, há momentos de gagueira. A gagueira é, ainda, marcada pela previsão do *erro iminente*. Há uma certeza *a priori* deste *erro* e é a partir da possibilidade de errar que o sujeito-gago opta por tentar evitá-lo ou adiá-lo. Desta forma, substitui palavras *perigosas*, ou seja, consideradas como sendo de difícil emissão, por outras compreendidas como sendo mais fáceis, ou, ainda, escapa da fala gaguejada, utilizando estratégias corporais, isto é, apertar os olhos, as mãos, bater os pés, e outros artifícios, que, em última instância, acabam por mostrá-lo mais gago ao seu interlocutor.

A análise discursiva de dois sujeitos-gagos em situação de entrevista inicial fonoaudiológica e outros dois recortes de sessões terapêuticas com a pesquisadora, mostrou evidente mudança de posição de sujeito-gago para sujeito-fluente.

Por fim, indicou-se uma proposta terapêutica para o trabalho com sujeitos-gagos, sob a ótica discursiva. Foram discutidos e analisados alguns conteúdos, como a determinação do espaço discursivo enquanto lugar da gagueira, a ressignificação da concepção de fluência e disfluência e o reconhecimento de situações discursivas de silenciamento. Além disso, enfatizaram-se a

identificação e análise das condições de produção do discurso, de situações de previsão e certeza do erro, das estratégias utilizadas com o intuito de adiar ou evitar a gagueira, de fonemas e palavras considerados difíceis ou impossíveis de serem ditos e, ainda, a identificação e análise de posições discursivas geradoras de gagueira e de fluência. Esta é a base terapêutica para o trabalho fonoaudiológico com sujeitos-gagos sob a perspectiva discursiva.

Não houve a intenção de concluir este trabalho, porque não o mesmo não está acabado, mas de esclarecer que ele está aberto a novos olhares, a diferentes leituras, a questionamentos e discussões. Espera-se produzir reflexões e contribuições para o estudo da gagueira e do discurso.

### **Abstract**

*The linguistic and speech therapy's studies see the stuttering as a manifestation of something that happens in the body plan, well meaning as muscle tension, sometimes as breathing, speech production, or even genetic formation, as a subject, therefore, with a "disease". When scrolling the theoretical discussions about stuttering, we threw up a new look at it from the discursive perspective with possibilities with the same therapeutic approach. From the theory and analytical device of Discourse Analysis from French line, founded by Pêcheux and developed by Orlandi and followers, we intended to analyze the subject who is seen in interdiscourse crystallized by society as subject-stutter: one who is carrying a disease, inserted into discursive and ideological formations that make him more stutter. We operated discursive clippings of two stuttering-subjects who participated of speech therapy, seen in a longitudinal way. Considering the regularity of the operation of speech and anchoring the analysis in interdiscursivity, i.e., the mechanisms of formation of senses, we identified some discursive formations materialized in the discourse of the analyzed subject and represent theoretical and therapeutic possibilities for the study of stuttering. We affirmed stuttering as a disorder of language, directly related to production conditions, indicating therapeutic possibility in the same perspective. The discursive analysis performed showed apparent change in position of stutterer-subject to fluent-subject.*

**Keywords:** *Stuttering; Speech; discursive formations.*

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. Uma análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Fonoaudiologia). PUC-SP, 2000.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves; FREIRE, Maria Regina. Trajetórias de silenciamento e aprisionamento na língua: o sujeito, a gagueira e o outro, In: FRIEDMAN, Sílvia; CUNHA, Maria Cláudia (Orgs.). Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento. São Paulo: Artmed, 2001.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. A gagueira na perspectiva linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia. Tese de doutorado (Doutorado em Letras e Linguística) – UFPB-PB, 2006.

CAVALCANTI, Tatiana Correia; AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves; PETRUSK, Larissa Santos Silva. A Prática Discursiva em um grupo terapêutico de gagueira: um estudo de caso. In: AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de; DA FONTE, Renata Fonseca Lima (Orgs.). Aquisição da linguagem, seus distúrbios e especificidades: diferentes perspectivas. Curitiba: Editora CRV, 2011.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRIEDMAN, Sílvia. *A construção do personagem bom falante*. São Paulo: Summus, 1994.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a natureza e o tratamento da gagueira. In: PASSOS, Maria Consuelo (Org.). *Fonoaudiologia: recriando seus sentidos*. São Paulo: Plexus Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. *Gagueira: origem e tratamento*. 5 ed. rev. atual. São Paulo: Summus, 2004.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; CAZARIN, E.; GRIGOLETTO, E. (Orgs.). *Práticas discursivas e identitárias - Sujeito e língua*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 9-33.

MENEZES, Priscila Silveira. *Algumas relações entre a gagueira e a leitura sob uma perspectiva da Análise de Discurso*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística), UFPE, Recife, 2003.

MERLO, Sandra; BARBOSA, Plínio Almeida. Séries temporais de pausas e de hesitações na fala espontânea. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.54.1, p.11-24, jan./jul., 2012.

MILLAN, Beatriz. *A Clínica Fonoaudiológica: análise de um universo clínico*. São Paulo: EDUC, 1993.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6. ed. ver. e aum. Campinas, SP: Pontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. por Eni P. Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 1988. (Orig.: *Les vérités de la Palice*, 1975).

PETRUSK, Larissa Santos Silva; AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de; Da Fonte, Renata Fonseca Lima; CAVALCANTI, Tatiana Correia. A Linguagem de Sujeitos-gagos e seus Interlocutores em sessões de grupo de atendimento. In: AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de; DA FONTE, Renata Fonseca Lima (Orgs.). *Análise do Discurso: mo(vi)mento de interpretações*. Curitiba: Editora CRV, 2011.

SCARPA, Esther Maria. Sobre o sujeito fluente. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.29, p.163-184, jul./dez., 1995.

SCARPA, Ester Maria; FERNANDES-SVARTSMAN, Flaviane. A estrutura prosódica das disfluências em português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.54.1, p. 25-40, jan./jul., 2012.

VAN RIPER, Charles. *The treatment of stuttering*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1973.

\_\_\_\_\_. *The nature of stuttering*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1982.